

## **AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO TRABALHO PARA ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS (AS) EM UMA UNIVERSIDADE DO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL**

Franciele Maia Farias<sup>1</sup>  
Graziela Cucchiarelli Werba<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este artigo trata dos resultados de uma pesquisa sobre as Representações Sociais do Trabalho para Estudantes Universitários do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, que teve como objetivo aprofundar o conhecimento sobre esta temática. Todos os participantes, além de universitários de uma mesma instituição de ensino privado, são trabalhadores do comércio ou na própria universidade. A faixa etária dos participantes variou de 20 a 44 anos, sendo que dos 20, cinco são homens e quinze são mulheres. Foram realizados três grupos focais, sendo os seus dados levantados, analisados e conseqüentemente discutidos. Toda a pesquisa foi realizada numa abordagem qualitativa, na modalidade de Estudo de Caso e apoiada no referencial da teoria das Representações Sociais. Os dados encontrados mostraram que estes universitários construíram duas dimensões de representações do trabalho: Dificuldades Encontradas/mundo real e Projeto de Vida/mundo ideal, revelando uma representação de dimensões polarizadas para o grupo participante da pesquisa.

**Palavras-chave:** Representações Sociais. Trabalho. Universitários (as).

### **SOCIAL REPRESENTATIONS OF WORK BY UNIVERSITY STUDENTS AT A UNIVERSITY OF RIO GRANDE DO SUL NORTHERN COAST**

#### **ABSTRACT**

This paper addresses the results of a research on the Social Representations of Work by University Students of Rio Grande do Sul Northern Coast, whose objective was to deepen the knowledge on the subject. In addition to being university students from the same private education institution, all participants are trade workers or university employees. Twenty males and fifteen females, ranging in age from 20 to 44 years, participated in the study. Three focal groups were formed, then surveyed, analyzed, and discussed. The research was carried out using a qualitative approach, as a case study, and supported by the Social Representations theory. Data found showed that these students constructed two dimensions of representations of work:

---

<sup>1</sup>ULBRA Torres. Discente do curso de Psicologia. Currículo Lattes disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4904216H8>>. Contato: farias.francielem@gmail.com.

<sup>2</sup>ULBRA Torres. Mestre e Doutora em Psicologia. Docente e coordenadora do curso de Psicologia. Currículo Lattes disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790383J4>>. Contato: grazielawerba@terra.com.br.

Difficulties Found/real world and Project of Life/ideal world, revealing polarized dimensions of representations by the group participating in the research.

**Keywords:** Social representations. Job. University students.

## INTRODUÇÃO

A pesquisa abordou as Representações Sociais do trabalho para estudantes universitários (as). O trabalho permeia a vida dos sujeitos independente de sua atividade laboral. Historicamente, teve vários significados, mas hoje, torna-se igualmente importante conhecer as Representações Sociais que se tem sobre o trabalho. Muitos fatores podem influenciar os significados e os sentidos do trabalho, sendo que estes, embora pareçam individuais são construídos no meio social no qual os sujeitos estão inseridos.

Estudar as Representações Sociais do trabalho, numa perspectiva de saúde mental, remete ao compromisso que se tem ao exercer a profissão. Vivemos o tempo das competições, conjecturadas nas relações de trabalho, algumas vezes extremamente hostis, o que pode fazer com que os trabalhadores sintam seus reflexos na saúde mental. Diante disso, cabe aos profissionais de psicologia o entendimento sobre a dinâmica do trabalho na atualidade, englobando os seus significados juntamente às questões de gênero nesse contexto, e conseqüentemente a sua interferência nos processos de saúde-doença. Desse modo torna-se um tema de extrema relevância para profissionais de saúde mental.

De acordo com Athayde e Souza (2015), o Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas através do Conselho Federal de Psicologia elaborou em 2008, um documento destacando que o psicólogo durante o seu exercício profissional, independente do contexto de atuação, poderá defrontar-se com questões que envolvem a relação de saúde e doença com o trabalho.

As novas formas de gestão têm exposto o trabalhador a condições de violência, tais como a vulnerabilidade ao desemprego, a queda da remuneração, a competição de forma acirrada etc. A hostilidade nesses espaços é reforçada através da competição desenfreada, onde o outro passa a ser percebido como um objeto tanto de ódio quanto de ressentimento, devido à inveja e indiferença com que é visto (HELOANI, 2015).

Segundo Athayde e Souza (2015, p. 597):

Um dos grandes desafios atuais para a psicologia do trabalho e organizacional (PT&O) apresenta-se quando esta se debruça sobre a relação entre a vida, saúde e trabalho, considerando-se que o trabalhar tem uma dupla face no processo evolucionário, podendo ter uma função psicológica estruturante ou, ao contrário, ser um fator desestruturante do psiquismo, tornando-se nocivo para a saúde.

O sofrimento psíquico decorrente do trabalho tem contribuído para os diagnósticos de síndrome de *Burnout*, aumento de quadros de ansiedade, depressivos e conseqüentemente para o consumo e dependência de algumas substâncias psicoativas incluindo psicofármacos (ansiolíticos, antidepressivos etc.), drogas ilícitas e álcool (NARDI, 2015).

Além dos problemas já mencionados, o acidente do trabalho também apresenta dados merecedores de análise. A Lei nº 8.213 de 24 de julho de 1991 que dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências discorre sobre o acidente de trabalho como fato ocorrido pelo seu exercício em que há lesões: podendo ser corporais e/ou perturbação funcional que acarretem em redução/perda, sendo esta temporária ou permanente que impedem de realizar o trabalho. Esses acontecimentos ainda podem ocasionar em morte. Logo, as doenças que são desencadeadas em decorrência do trabalho são consideradas como acidente de trabalho (BRASIL, 1991).

Posteriormente, através do decreto nº 3.048/99, de 06 de maio de 1999 é aprovado o regulamento da Previdência Social, e institui outras providências. Este elenca em seu anexo II, na lista B os transtornos (mentais e do comportamento) que possuem relação com o trabalho (BRASIL, 1999).

Considerando o objeto de interesse deste artigo, optamos por trabalhar com a teoria das Representações Sociais, apreciando as questões de gênero que permeiam o contexto do trabalho.

De acordo com Pinheiro et. al. (2016), o mundo do trabalho acaba por reproduzir as desigualdades e injustiças presentes na sociedade, como por exemplo, as questões de gênero. Com relação aos homens, as mulheres deparam-se com maiores dificuldades para inserir-se no mercado de trabalho (mesmo com alta qualificação profissional) enquanto outras estão em trabalhos precários e desvalorizados, além de receberem menor remuneração.

Com o objetivo de contribuir para o conhecimento científico na temática pesquisada, elegemos a seguinte questão problema: “Quais as representações sociais do trabalho para estudantes universitários (as) em uma universidade do Litoral Norte do Rio Grande do Sul? A título de nortear a pesquisa utilizamos os seguintes questionamentos: “Existem diferenças nos significados do trabalho para os (as) estudantes pesquisados (as)?” E “Quais fatores influenciam a construção das Representações Sociais sobre o trabalho para os homens e para as mulheres avaliados (as)?”

A partir disso, abordaremos os constructos teóricos sobre as representações sociais, trabalho e gênero.

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Representar está relacionado à capacidade que os seres humanos possuem para pensar, falar e agir. Inclui a capacidade de se referir a um determinado objeto ao pensar e abstraí-lo do objeto material. Entretanto, não há separação entre representação mental, sujeito e objeto (GUARESCHI, 2007).

A partir disso, abordamos então as Representações Sociais enquanto teoria pertencente à Psicologia Social, tanto nos seus aspectos históricos como conceituais. Nesse sentido, ao aludir às origens das Representações Sociais, Moscovici<sup>3</sup> (1994, apud OLIVEIRA; WERBA, 2012, p. 104) menciona que:

O conceito de representação social tem suas origens na Sociologia e na Antropologia, através de Durkheim e de Lévi-Bruhl. Inicialmente chamado de representação coletiva, serviu como elemento básico para a elaboração de uma teoria da religião, da magia e do pensamento mítico. Também contribuíram para a criação da teoria das RS, a teoria da linguagem de Saussure, a teoria das representações infantis de Piaget e a teoria do desenvolvimento cultural de Vigotsky.

É interessante lembrar que a teoria das RS surge no contexto da Psicologia Social, na Europa com Moscovici, opondo-se à tradição americana que aborda sobre os processos individuais. Em 1961, Moscovici publicou sua obra intitulada: *La psychanalyse, son image et son public*, discorrendo então a respeito da

---

<sup>3</sup> MOSCOVICI, S. Prefácio. In: GUARESCHI, P. e JOVCHELOVITCH, S. **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 7-16.

representação social da psicanálise para os grupos populares de Paris, em meados dos anos 50 (GONÇALVES; BOCK, 2003).

A motivação de Moscovici para realizar seu estudo tem origem na sua crítica aos positivistas e funcionalistas, assim como em outras teorias que não encontravam explicações suficientes nas esferas histórico-críticas para compreender o contexto da realidade (OLIVEIRA; WERBA, 2012).

Assim, decidiu-se a estudar de que forma o senso comum se apropria do conhecimento científico. As representações, de acordo com Moscovici (2015, p. 46):

[...] devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa.

Nas palavras de Marková (2006, p. 12):

A teoria das Representações Sociais concebe o pensamento e a linguagem exatamente como são usados no senso comum e nos discursos diários. Em contraste ao pensamento científico, que tenta se aproximar do conhecimento científico, o pensamento de senso comum traduz as Representações Sociais dos fenômenos naturais e sociais. A ciência busca a verdade através do poder da racionalidade individual. As Representações Sociais buscam a verdade através da confiança baseada em crenças, no conhecimento comum e através do poder da racionalidade dialógica.

Nesse sentido, as Representações Sociais enquanto teoria enfatiza o senso comum e o conhecimento popular (GUARESCHI, 2007).

As RS são, pois, entidades concretas, realidades em si mesmas, conjuntos de saberes e práticas que constituem e ocupam um espaço vital e simbólico, no qual nos movemos, pensamos, falamos e somos levados a agir. Se prestarmos atenção ao nosso agir, veremos que é impossível pensar, falar e mesmo agir, sem que por detrás, como pressuposto, haja algo que tem a ver com a cultura, as crenças, os valores sociais: é a isso que designamos de Representações Sociais (Ibidem, p. 34).

Considerando a estranheza que pode surgir decorrente da diversidade dos sujeitos, as Representações Sociais procuram explorar de que forma esses sujeitos

e grupos presentes na sociedade podem elaborar um mundo estável diante a essas diferenças (MOSCOVICI, 2015).

Logo, o fenômeno das Representações Sociais é influenciado pela cultura. Portanto, para compreendê-las é necessário articulá-las ao meio cultural em que foi construída. Moscovici distinguiu o universo do pensamento como constituído em duas classes, sendo elas: os Universos Consensuais (UC) e os Universos Reificados (UR) (GONÇALVES; BOCK, 2003).

Ao se referirem a tais classes, Oliveira e Werba (2012, p. 108) mencionam que: “nos UR, que são mundos restritos, circulam as ciências, a objetividade, ou as teorizações abstratas. Nos UC, que são as teorias do senso comum, encontram-se as práticas interativas do dia-a-dia e a produção de Representações Sociais”.

Segundo Moscovici (2015), há uma tendência em abdicar o que é diferente e nesse sentido, surgem às Representações Sociais com o objetivo de transformar o não familiar em familiar. Ou seja, sua dinâmica consiste em tornar comum (familiar) o que é estranho (não familiar).

Diante desse contexto, para compreender melhor as Representações Sociais, é importante conhecer dois processos, os quais as constroem e caracterizam: a ancoragem e a objetivação. O primeiro refere-se ao fato de quando um objeto que já é representado e se agrega a um conjunto de pensamento, o qual já existe. (GONÇALVES; BOCK, 2003). Para Moscovici (2015), ancorar significa classificar e nomear algo. Quando o objeto não é nomeado, conseqüentemente permanece não familiar e, portanto, ameaçador. Diante disso, há um distanciamento de sua descrição que faz com que este seja categorizado ou rotulado por meio de nomeação que seja conhecida. Este ato de categorizar implica na utilização de um dos protótipos presentes na memória que ocasiona na atribuição de uma relação que pode ser negativa ou positiva. Considerada mais influente do que a ancoragem, a objetivação está relacionada ao objetivo de descobrir a característica icônica de alguma ideia e/ou também no que diz respeito à reprodução de conceitos referentes a uma imagem. Portanto, tanto a ancoragem quanto a objetivação são formas de se referir à memória e processos pelos quais as Representações Sociais são geradas.

## TRABALHO E GÊNERO

Anteriormente à crise da Psicologia Social e aos movimentos feministas a abordagem de gênero era realizada de forma pouco expressiva, sendo utilizada então como sexo, restringindo-se desta forma a diferenciar homens e mulheres, por seus aparatos biológicos. Na atualidade, o conceito de gênero está intimamente relacionado à Psicologia Social. Esta por sua vez, compreende o ser humano como inserido na sociedade e, portanto, na sua cultura. Através do movimento feminista, a temática gênero começa a ser abordada socialmente por meio de múltiplos acontecimentos que reivindicavam direitos às mulheres e a sua igualdade tanto em direitos políticos quanto educativos que posteriormente foram sendo conquistados (STREY, 2012).

Ainda ao abordar gênero, Scott (1995, p. 72) refere que “[...] as feministas começaram a utilizar a palavra gênero mais seriamente, num sentido mais literal, como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos”.

No ambiente acadêmico, o feminismo tem contribuído para o desenvolvimento e também para a divulgação de estudos sobre a temática mulher e gênero nestes espaços. Após as mobilizações sociais ocorridas na década de 60, o feminismo passa a buscar sua reestruturação teórica. Para isso se buscou a história da participação social das mulheres e também as verificações das relações de gênero no meio social. A partir da discussão do tema dentro da universidade, o mesmo passa a integrar não somente os círculos acadêmicos, mas estendendo-se para a sociedade. Neste contexto, surgem propostas sobre a igualdade de direitos independente do sexo, denúncias com relação à discriminação sexista além de questionamentos sobre a então ‘inferioridade feminina’ (PRÁ, 2000).

Scott (1995, p. 86), uma referência clássica nos estudos de gênero, ao defini-lo, destaca que:

[...] tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.

Petersen (1999), ao mencionar a utilização da categoria gênero alude a três teorias centrais que servem de amparo aos estudos de relações de gênero e também de poder. Entre as teorias estão: o patriarcado, as originárias da tradição marxista e as psicanalíticas. As teorias do patriarcado enfatizam a submissão feminina e o poder masculino sobre a mulher, o que conseqüentemente ocasionou na atribuição do bem aos homens e do mal as mulheres. Quando comparada a teoria do patriarcado, a teoria decorrente da tradição marxista traz uma abordagem historicamente mais aprofundada. Nesta, a subordinação da mulher é compreendida com base na “emergência da propriedade privada e da família monogâmica.” (Ibidem, p. 24). A mesma autora menciona que tanto para Engel quanto para Marx, a subordinação feminina é produto da economia que se fundou na emergência da propriedade privada, sendo que esta levou à desigualdade entre homens e mulheres. Nas teorias psicanalíticas, suas contribuições podem ser apontadas através de dois tipos de escolas: a anglo-americana (teorias que tem como base a relação de objeto) e a francesa “que se fundamenta nas leituras estruturalistas e pós-estruturalistas de Freud” (PETERSEN, op. cit. p. 29). Ambas destacam que a formação da identidade do sujeito ocorre durante o desenvolvimento infantil e conseqüentemente sobrevêm indicações que influenciam na construção da identidade de gênero.

Para Colling (2004, p. 29):

A teoria dos gêneros enfatiza o aspecto relacional e reivindica a utilização do gênero como categoria histórica necessária para realizar qualquer tipo de investigação. Importante para esta categoria é a distinção entre gênero e sexo, este é a categoria biológica, enquanto o gênero é a expressão culturalmente determinada da diferença sexual. O gênero como categoria social analisa a organização desigual e discriminatória da sociedade segundo o sexo.

A partir da realização de estudos transculturais, se observaram dois pontos comuns sobre o gênero: um deles refere-se à sua diferença quando comparado ao sexo, enquanto o outro ponto aborda sobre a sua relação com a divisão sexual do trabalho presente nas sociedades (STREY, 2012).

A divisão sexual do trabalho permite a compreensão histórica dos postos de trabalho preenchidos por homens e mulheres. Neste sentido, a divisão sexual do trabalho distribui as atividades na sociedade e é organizada através da construção

social no que se refere a tarefas e habilidades que foram instituídas como femininas ou masculinas (NARDI, 2015).

Para Mesquita e Almeida (2016), a divisão sexual do trabalho foi construída socialmente no decorrer da história, caracterizada por suas configurações conduzidas transgeracionalmente através de cunho cultural que define as ações que são apropriadas para serem desenvolvidas por homens e mulheres, influenciando na hierarquização e nas relações de poder.

Diante desse contexto:

Nas últimas décadas, o debate em torno da divisão sexual do trabalho tem se incorporado à dimensão de gênero, esta incorporação apresenta um efeito desmistificador da divisão do trabalho como uma questão meramente econômica, assumindo também uma dimensão simbólica e cultural que só poderá ser satisfatoriamente explicada a partir do uso da categoria gênero. (SILVA; FERREIRA, 2016, p. 99).

Ao discorrer sobre os estudos na temática de gênero, Strey (2012, p. 184) que:

[...] são importantes na Psicologia, na Antropologia, na Sociologia, na História. O conceito de gênero abre uma brecha no conhecimento sobre a mulher o homem, na qual torna possível uma compreensão renovadora e transformadora de suas diferenças e desigualdades. Para além das diferenças individuais, é importante salientar as interações sociais que influem nos resultados educativos e ocupacionais, entre outros tantos.

Segundo Borges e Yamamoto (2014), há vastas definições de trabalho, uma vez que a construção de seu conceito está relacionada ao contexto histórico. Desta forma, cada sujeito constrói a sua definição sobre o trabalho.

Portanto ao se investigar sobre o trabalho é imprescindível abordar as relações de gênero na perspectiva da Psicologia Social, que analisa as relações sociais que podem ser desencadeadoras de desigualdades, e partir disso desenvolve ações de intervenção para erradicá-las (STREY, 2012).

## **DELINEAMENTO**

A pesquisa foi realizada com abordagem qualitativa. Logo:

Os métodos qualitativos de pesquisa não tem qualquer utilidade na mensuração de fenômenos em grandes grupos, sendo basicamente úteis para quem busca entender o contexto onde algum fenômeno ocorre. Assim sendo, eles permitem a observação de vários elementos simultaneamente em um pequeno grupo. Essa abordagem é capaz de proporcionar um conhecimento aprofundado de um evento, possibilitando a explicação de comportamentos (VICTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000, p. 37).

Optamos pelo delineamento de Estudo de Caso que, de acordo com Prodanov e Freitas (2013), tem sido utilizado por pesquisadores sociais para descrever e explicar a origem dos fenômenos investigados. Seu desenvolvimento pode ocorrer tanto qualitativamente quanto quantitativamente. O mesmo é compreendido como categoria que auxilia na investigação dos dados coletados permitindo uma análise aprofundada sobre a temática pesquisada, podendo ser utilizado em pesquisas descritivas e explicativas ou exploratórias. Portanto, para o seu desenvolvimento é importante alguns requisitos: “severidade, objetivação, originalidade e coerência” (Ibidem, p.61).

## PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS

Embora a pesquisa qualitativa possa contar com uma ampla variedade de técnicas para realizar a coleta de dados, o grupo focal destaca-se pela possibilidade que oferece ao pesquisador de observar e coletar os dados dentro do grupo sobre a temática pesquisada (BACKES et al, 2011).

Neste sentido:

O ponto-chave destes grupos é o uso explícito dessa interação para produzir dados e *insights* que seriam difíceis de conseguir fora desta situação. Isso se constitui na grande vantagem desses grupos, a oportunidade que eles oferecem de se estabelecer uma intensa troca de ideias sobre determinado tópico, num período limitado de tempo, onde os dados são discutidos e aprofundados em conjunto (OLIVEIRA; WERBA, 2012, p. 112).

O grupo focal também é utilizado em pesquisa qualitativa e requer foco para o seu desenvolvimento. Este pode ser realizado abordando sobre um tema específico, um grupo ou sobre ambas as modalidades. Entretanto suas técnicas são desenvolvidas em três fases: a primeira aborda sobre o contato e convite aos (as) futuros (as) participantes e a organização do encontro; a segunda refere-se ao

encontro propriamente dito e o detalhamento do perfil de cada participante; e a terceira consiste nas transcrições das gravações e a compilação dos dados (VICTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000).

## **PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Para Spink (1994), a análise de dados em Representações Sociais requer a utilização de técnicas que investigam sobre de que forma ocorre a associação de ideias presentes nas representações. A autora refere que em estudos sobre o processo de elaboração das representações para compreender seus conteúdos é importante a realização de grupo focal, levantamento sobre o contexto social e também sobre os conteúdos que influenciam na informação dos sujeitos, enquanto estes pertencentes a um meio social. A análise e interpretação do discurso são realizadas em cinco etapas, iniciando na transcrição do grupo focal que foi gravado; a segunda consiste na leitura flutuante sobre a entrevista, possibilitando a emergência dos temas e seu mapeamento. A terceira etapa se refere na definição do objeto da representação, uma vez que os discursos apresentam complexidade e que podem trazer outros conteúdos. Quando o tema é restrito, o mapeamento do discurso deve ser realizado com base nas “dimensões internas da representação: seus elementos cognitivos, a prática do cotidiano e o investimento afetivo” (Ibidem, p.131). Se as representações forem complexas, deve-se realizar o mapeamento do discurso com base nos temas emergentes decorrentes da leitura flutuante e objetivos da pesquisa. A outra etapa consiste na construção de mapas que apontam a transcrição do grupo focal e a relação com a associação de ideias que permitem a sua análise. A etapa que finaliza o processo trata de transformar as associações encontradas em um gráfico apontando as relações presentes entre a cognição, práticas e conteúdos afetivos.

## **APRESENTAÇÃO DOS DADOS**

A coleta de dados foi realizada através de três grupos focais, totalizando 20 participantes, que são alunos e alunas do Curso de Psicologia de uma Universidade do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Inicialmente foram convidados e informados

sobre os objetivos da pesquisa e aspectos éticos (preservação da identidade). Ao aceitarem participar, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para a realização do grupo focal foi lançada como estímulo a pergunta: o que pensam sobre o trabalho? Os dados foram gravados em modalidade de áudio, que posteriormente foram transcritos e analisados. Após a análise, foram organizadas unidades de sentido advindas dos grupos, o que produziu cinco agrupamentos de unidades de sentido, por afinidade.

Neste contexto foram identificadas então, cinco categorias de representações: necessidade, sofrimento, identidade, discriminação de gênero e Projeto de Vida.

De uma última análise, foi possível reorganizar os conteúdos dos quais emergiram duas dimensões: Dificuldades Encontradas/mundo real e Projeto de Vida/mundo ideal, apresentadas no quadro a seguir, com as suas unidades de sentido.

#### Quadro 1: Unidades de Sentido

DIFICULDADES ENCONTRADAS/ MUNDO REAL	PROJETO DE VIDA/ MUNDO IDEAL
Condições precárias de trabalho	Identidade
Desvalorização do estagiário	Identidade
Desvalorização do funcionário	Retorno financeiro
Dificuldade de conseguir emprego ao cursar ensino superior	Status social
Escolha profissional precoce como uma exigência/pressão social	Status social
Exploração das empresas	Status social
Necessidade	Sentir-se útil
Normativa capitalista	Trabalho idealizado
Obrigações	Se sentir útil
Produção	Trabalho real
Sobrevivência	Função social
Adoecimento	
Ameaça à saúde mental	
Coisa difícil	
Competição	
Penoso	
Pesado	
Saúde mental	
Sufrimento	
Submissão	
Ruim, pesado	
Preconceito com mulheres no	

mercado de trabalho
---------------------

Fonte: Dados da Pesquisa

## ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Ao final do processo de análise, foi possível criar estas duas dimensões: DIFICULDADES ENCONTRADAS/ MUNDO REAL E PROJETO DE VIDA/MUNDO IDEAL. Cada uma das dimensões carregou categorias que se mostraram mais significativas na análise dos dados e que serão abordadas a seguir.

Na dimensão das Dificuldades Encontradas, a categoria necessidade fica evidente no seguinte fragmento de uma participante:

Na verdade, a sociedade em que a gente vive, capitalista é... Não tem como tu viver sem ter o trabalho, porque o trabalho gera remuneração e se a gente não tem remuneração a gente não consegue viver, ao menos que tenha alguém que te sustente, enfim (Participante 1, Grupo Focal 3).

Outro relato também aborda a mesma questão:

Conheço casos assim de gente que tem formação, tem curso superior, tá cursando o segundo curso e tá fazendo bico de faxineira com 60 pila para sustentar filho recém-nascido. A necessidade às vezes conta mais alto, porque tem que ser assim né porque quem estudou, foi atrás se formou naquilo. Tá cursando o outro curso no ensino daquela área, da mesma área e assim tem que fazer coisa que tá sempre empregado porque não pode trabalhar (Participante 1, Grupo Focal 1).

Percebe-se que os relatos se assemelham ao conceito de labor descrito por Arendt (1997, p. 15):

O labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio tem a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida. A condição humana do labor é a própria vida.

Desse modo, o trabalho para os participantes, é visto como uma necessidade ligada à sobrevivência humana do mesmo modo que a autora conceitua o labor.

Para Yamamoto (2015), o capitalismo possibilita tanto a compra quanto a venda da força de trabalho e permite que a produção seja desenvolvida por homens livres. Assim, esta é vendida pelo trabalhador como uma condição única e essencial para a sua subsistência.

Ainda de acordo com o autor supracitado, a origem da palavra trabalho remete a expresso em latim *tripalium* que era um instrumento utilizado pelo exército romano para a tortura. Aristóteles e Platão referiam-se ao trabalho como uma forma de demonstração da miséria do homem e, portanto, as pessoas deveriam evitar essa atividade considerada humilhante e desgastante.

Tal conteúdo emergiu no grupo e constituindo a categoria sofrimento. A título de exemplo, apresentamos o seguinte relato:

A questão assim... Tem muitas pessoas que adoecem trabalhando né?! Tipo bancário, professor... São só os que me vem mais na cabeça. Assim, mas também tem pessoas que se não estiver trabalhando também adoecem né, tem depressão, enfim várias coisas. Então acredito que tenha que ter um meio termo aí sabe, tipo alguma coisa que seja saudável, não só um trabalho como uma coisa ruim, mas que se as pessoas pudessem escolher ser ou fazer determinada coisa, ou trabalhar em determinadas coisas, determinado lugar, áreas. Quantas pessoas a gente vê né que largam tudo e arriscam, vão morar na praia, vão fazer pousada, vão fazer comida em alguns lugares que enfim... largam tudo na cidade grande e vão para um lugar mais tranquilo, mais que viva de turismo essas coisas assim. Então algumas pessoas se dão conta disso: que tu pode trabalhar e ter uma vida saudável, outras já não. Então acho que vai de cada um saber fazer escolhas e arriscar que muitas vezes dá certo assim (Participante 2, Grupo Focal 1).

De acordo com Cruz e Maciel (2017), alguns transtornos que possuem relação ao estresse, como por exemplo, transtornos de ansiedade, *Burnout*, depressão e distúrbios psicossomáticos, possuem ligação com os desgastes tanto físicos quanto emocionais provenientes do ambiente de trabalho em que as pessoas estão submetidas e também na realização de suas tarefas. São muitos os estímulos estressores nesses locais e podem ser descritos como por exemplo, em: sobrecarga (relacionada a urgência do tempo, responsabilidades etc.), ruído, modificações no sono, solidão e tédio, alterações de forma constante estabelecidas pela organização com a inclusão de novas tecnologias entre outros.

Nesse sentido:

[...] as condições nas quais o trabalho é realizado pode transformá-lo em algo penoso e doloroso, levando ao sofrimento. Esse sofrimento decorre do confronto entre a subjetividade do trabalhador e as restrições das condições socioculturais e ambientais, relações sociais e organização do trabalho, que por sua vez, são o reflexo de um modo de produção específico, no caso atual, de uma acumulação flexível do capital. Esse modo de produção tem dado origem a um contexto marcado por muitas diversidades, que envolve a relação trabalho/emprego, subemprego e desemprego (MENDES; MORRONE, 2002, p. 27).

Para Dejours (1992), o sofrimento surge a partir do momento em que o homem, no seu trabalho, não pode fazer alterações na sua tarefa, com o objetivo de transformá-la de acordo com as suas necessidades fisiológicas e também com os seus desejos psicológicos, ou seja, quando há o bloqueio na relação entre o homem e o trabalho.

Ainda Dejours, mostrou que o sofrimento no trabalho produz estratégias defensivas, que têm como função evitar o que é doloroso para proteger o ego dos conflitos que estão presentes na base do sofrimento psíquico (MENDES; MORRONE, 2002).

A elaboração de tais defesas contra a angústia e insatisfação do trabalho, fazem com que o sofrimento não seja identificado imediatamente. De certo modo mascarado, só pode ser demonstrado por meio de uma capa de sua profissão considerando que a forma de sofrimento varia de acordo com a organização do trabalho, fazendo com que cada ocupação constitua a sua sintomatologia (DEJOURS, 1992).

Para finalizar essa dimensão, abordaremos a categoria discriminação de gênero a partir da fala de uma participante:

Eu não sei se as outras meninas já passaram por isso, mas eu já. Também fui entregar currículo, e a pessoa... Isso é claro, é totalmente normal a pessoa perguntar o teu estado civil, onde é que teu namorado mora, se tu têm filhos e até se tu tem ideia de ter filhos no período. Porque no caso o proprietário do local teve a experiência de que a única funcionaria engravidou e aí então qualquer mulher que deixasse o currículo ali era vista com maus olhos. Tanto né a questões assim... Aí depois eu fui comentar com uma conhecida minha e ela: ah, já vi vários que foram deixar o currículo ali e de saber de outras que trabalharam ali, ah muito machista (...) mulher engravida, tem que ganhar menos mesmo. Né então tem todo uma pra.... Pro homem já está difícil, pra mulher então um “pouquinho” mais complicada a situação. Eu já recebi um olhar bem... e aí quando eu passei pelo local eu vi que tinha um menino trabalhando ali e eu fiquei sabendo de que eles fizeram uma secretária, não né justificando o gênero que ah, só mulheres. Mas né essa situação de... ouvi também situações de levarem olhares tortos e aí tá né a gente já tinha um pouco, querendo ou não com o senso comum as próprias conclusões (Participante 6, Grupo Focal 3).

Segundo a Organização Internacional do Trabalho- OIT (2016, p.3):

A desigualdade entre homens e mulheres persiste nos mercados de trabalho globais, em relação às oportunidades, ao tratamento e aos resultados. Nas últimas duas décadas, os significativos progressos alcançados pelas mulheres na educação não se traduziram numa melhoria comparativa na sua situação no trabalho. Em muitas regiões do mundo, as mulheres, comparativamente aos homens, têm mais probabilidades de

permanecerem ou virem a ficar desempregadas, têm menos oportunidades de participar no mercado de trabalho e – quando o conseguem – muitas vezes têm de aceitar empregos de qualidade inferior.

Antunes (2009), menciona a desigualdade salarial presente no mercado de trabalho, onde as mulheres têm aumentado sua participação, mas em contrapartida sua remuneração é mais baixa, quando comparada à que é decorrente do trabalho masculino.

Para a Organização Internacional do Trabalho- OIT (2016), embora sejam pequenos, alguns avanços têm acontecido na redução da discrepância salarial. Estima-se que se for mantida essa tendência contemporânea levará mais de 70 anos para que as diferenças salariais de gênero sejam erradicadas por completo. Atualmente, calcula-se que as mulheres ganham 23% a menos do que os homens recebem.

Para Ribeiro (2014), o trabalho apresenta em sua existência a dualidade ontológica, que por um lado o faz ser ação nos aspectos de emancipação, fabricação tanto de si e quanto do mundo e conseqüentemente a realização. Ao mesmo tempo, pode ser uma ação que ocasiona em esforço penoso, sofrimento e alienação (de si e do mundo).

Isso vem ao encontro dos dados encontrados na presente pesquisa. Anteriormente foram expostas as categorias pertencentes à dimensão denominada Dificuldades Encontradas/mundo real. A seguir abordaremos sobre a segunda, intitulada como Projeto de Vida/mundo ideal composto pelas categorias: identidade e Projeto de Vida.

No que se refere à categoria identidade, apresentamos o seguinte relato:

[...] E é interessante o jeito que as pessoas colocam o trabalho como primeiro, acho que o José falou o número um falou questões tipo de o homem né quando trabalha: ah, ele é o... Ah, aquele lá é o professor. Tipo, aí aquela lá é a professora. Não é tipo ah, é a Joana, é o José, é a Julia, sabe! O trabalho serve como identificação também pra né?! Se tu não trabalha, tu é vagabundo ou vagabunda [...] (Participante 2, Grupo Focal 1).

Para Cruz (2017), o trabalho é uma atividade de extrema importância, pois exerce uma função mediadora na constituição da identidade pessoal e conseqüentemente auxilia na inserção social além de contribuir no aperfeiçoamento de atividades específicas.

Bernal (2010, p. 25) aborda sobre o pensamento Marxista e refere que:

[...] para ele, “o trabalho é a essência do homem”, já que defende que a História demonstra que o homem transformou-se no que é graças ao trabalho. Para Marx, o homem só pode existir trabalhando, ou seja, criando artifícios, substituindo o natural por suas próprias obras. Mas esse pensamento vai além: “o homem, somente alcança plenitude quando, por meio do trabalho, imprime em tudo que é coisa a marca de sua humanidade”, de modo que o homem e trabalho viriam a ser termos quase que sinônimos.

Nesse sentido, a reflexão Marxiana, se refere ao trabalho como uma esfera fundante do ser social: sendo uma modalidade unicamente humana e que permite modificar a natureza, como condição essencial da existência humana (YAMAMOTO, 2015).

Outro aspecto importante surgiu nessa categoria, relatada pelo participante 5 do Grupo Focal 1: “[...] E de novo, é isso aí mesmo. Sabe, a gente vai de novo cair naquela vala comum de achar de que quem trabalha é só quem tem emprego. Sei lá, na prefeitura, na empresa, na fábrica, não sei o quê e não está trabalhando, mas tá.”

Nesse sentido, Codo (1996), faz algumas ponderações sobre a temática trabalho. Destaca que não deve ser compreendido como mercadoria, embora tenha assumido essa forma através do capitalismo. Outro aspecto mencionado é que não deve ser descrito como sinônimo de emprego, pois devido às novas tecnologias acrescentadas ao trabalho surgiram mudanças nas empresas aliados à terceirização e outros fatores que ocasionam no desemprego, que por sua vez faz com que a força de trabalho passe a aderir à economia informal.

Passamos a analisar a dimensão Projeto de Vida, partindo do seguinte fragmento de um grupo focal:

Eu acredito que o termo sempre vem junto com a questão financeira, mas o trabalho ao meu ver é muito mais ligado ao significado que tu dá a ele. Não trabalhar simplesmente pelo capital que ele vai ter, mas sim por uma questão de objetivo, de metas a um prazo, não a curto pra suprir necessidades momentâneas. Trabalho na minha visão é mais um Projeto de Vida do que como um termo cotidiano que as pessoas encaram (Participante 5, Grupo Focal 2).

De acordo com Cruz (2017), o trabalho é definido como um meio de realização, devido ao fato de o mundo do trabalho ser um universo permeado de possibilidades que visam a construção de um projeto civilizatório, uma vez que seu

significado trata de uma representação das necessidades humanas, que proporcionam a transformação da realidade ao rumo dos objetivos traçados. O trabalho proporciona a humanização, considerando que a sua realização requer a mobilização e ampliação das capacidades de memória, linguagem e imaginação.

Dejours (1992), menciona que se a relação do trabalhador com a organização do trabalho for favorável é devido à presença de no mínimo uma das duas condições a seguir:

- As exigências intelectuais, motoras ou psicossensoriais da tarefa estão, especificamente, de acordo com as necessidades do trabalhador considerado, de tal maneira que o simples exercício da tarefa está na origem de uma descarga e de um 'prazer de funcionar'.
- O conteúdo do trabalho é fonte de uma satisfação sublimatória: situação que, a bem dizer, é rara em comparação com a maioria das tarefas, encontrada em circunstâncias privilegiadas, onde a concepção do conteúdo, do ritmo de trabalho e do modo operatório é, em parte, deixada ao trabalhador. Este pode, então, modificar a organização de seu trabalho conforme seu desejo ou suas necessidades [...] (DEJOURS, 1992, p. 134).

O trabalho também pode ser considerado como fonte de prazer e nesse sentido justifica-se a importância que tem na vida das pessoas e motiva os trabalhadores a permanecerem produzindo, uma vez que essa atividade traz a oportunidade de realização e de construção da identidade, ou seja, como sujeito psicológico e social. Através do ato de produzir, há o reconhecimento de si e também da importância de sua existência para as outras pessoas. Desta forma, tem como função constituir a estruturação psíquica (MENDES; MORRONE, 2002).

Para Zanelli (2015), o trabalho que envolve o potencial emancipador é composto de significado tanto ligado com os valores quanto às percepções do trabalhador, proporcionando assim, uma construção positiva do sujeito, pois permite que acredite em si, sinta-se digno, o que corrobora para o seu bem-estar. A partir destas contribuições teóricas, vemos que a categoria Projeto de Vida representa os aspectos gratificantes de uma vida profissional. Aparece aí uma ideia esperançosa de que é possível construir um futuro a partir de trabalho que tem significado para quem o faz.

## CONCLUSÃO

Ao longo da história, o trabalho sempre foi uma categoria complexa de análise, visto que ao mesmo tempo oferece frustração e gratificação, desespero e esperança, e assim por diante. A ambiguidade em relação aos sentidos do trabalho apareceu nitidamente nas palavras dos participantes da pesquisa através das duas dimensões intituladas: Dificuldades Encontradas/ mundo real e Projeto de Vida/ mundo ideal.

A dimensão Dificuldades Encontradas trata da representação do trabalho para os universitários pesquisados como, pertencentes ao “mundo real”, ou seja, correspondendo ao contexto atual experimentado através de relatos de experiência própria. A lógica capitalista, regida pelo consumismo faz com que o trabalho remunerado assuma uma função de necessidade e/ou obrigatoriedade como meio financeiro para a subsistência. Nesse contexto, nem sempre é escolhido como uma atividade com a qual o trabalhador se identifique, mas com base no aspecto financeiro. Desta forma o trabalho é tratado como mercadoria na qual a força de trabalho é vendida pelo trabalhador para assegurar a sua sobrevivência.

Os ambientes de trabalho muitas vezes são hostis e se convertem em cenários de estímulos estressores, competição pelo espaço, relações opressoras, exigências, entre outros. Portanto, para os pesquisados, o trabalho desenvolvido nessas circunstâncias é caracterizado como uma ameaça à saúde mental. Isso corrobora para que tome seu significado como um tipo de submissão, o aspecto penoso e ruim, semelhante à escravidão, na qual a dignidade não é preservada. Assim, ocorre o sofrimento e para enfrentá-lo o trabalhador utiliza as estratégias defensivas descritas por Dejours (1992), porém estas por sua vez esgotadas, ocasionam o surgimento de doenças. No âmbito da saúde mental, os quadros de depressão, síndrome de *Burnout*, etc que podem culminar em tentativas de/ou suicídio.

Os universitários pesquisados referem que, encontram dificuldades para trabalhar pelo fato de serem estudantes e muitas vezes recebem negativas nas entrevistas de trabalho. A presente pesquisa não trouxe novidade no que se refere às questões de gênero, mas confirmou o que as estatísticas apontam: a inserção das mulheres no mercado de trabalho ainda é permeada por preconceito e

desigualdade. Sabemos que historicamente, aconteceram muitas conquistas pautadas pelos movimentos feministas, entretanto, as desigualdades persistem, como por exemplo, na remuneração entre homens e mulheres. De acordo com as estimativas as discriminações de gênero levarão décadas para serem erradicadas, dados que se tornam preocupantes devido às suas consequências sociais.

A dimensão Projeto de Vida/ mundo ideal, entendida como “fazer o que gosta”, parece ter um significado de reconhecimento de si, o sentimento de sentir-se útil, contribuindo para a construção da identidade. Isso é saudável para o trabalhador, uma vez que assume o sentido de realização e nesse aspecto, a remuneração pode ser percebida como consequência de um trabalho realizado com prazer. Outro exemplo desta representação se mostra na busca de uma formação de ensino superior, para fazer o que se gosta e tendo metas de realização.

De outro lado, é evidente que na sociedade de consumo as pessoas compreendem o trabalho como uma necessidade e se submetem à sua hostilidade, muitas vezes sem gostar do que fazem, podendo causar prejuízos à saúde mental.

Entretanto, verificamos que há diferenças nos significados do trabalho para os (as) estudantes pesquisados (as), devido às questões de gênero. As mulheres se deparam com maiores dificuldades para exercê-lo uma vez que encontram preconceitos nos locais de trabalho, e na sociedade, além de recebem menores remunerações etc. Como fatores que influenciam a construção das Representações Sociais para as (os) participantes observamos: a discriminação de gênero (como citado anteriormente), o trabalho desenvolvido por necessidade (obrigação) e causa de sofrimento, constituindo assim a representação do mundo real do trabalho.

Outros fatores são a construção de identidade e projeto de vida que se referem à representação do trabalho como deveria ser na perspectiva dos (as) participantes, com o intuito de almejar a realização pessoal, e por sua vez, correspondendo ao mundo (trabalho) ideal.

Considerando a complexidade da temática Trabalho, destacamos a extrema importância de programas de orientação/gestão de carreira e orientação profissional desenvolvidas por psicólogos a fim de auxiliar os trabalhadores a fazerem suas escolhas, e na construção de seu Projeto de Vida de um modo mais pessoal e significativo.

Para finalizar, trazemos um ponto que não foi aprofundado neste artigo, mas que permeia o fundo das discussões dos participantes e que fica como ponto de partida para uma nova investigação.

Retomamos uma consideração de Moscovici (2015), quando aponta o esforço que os grupos sociais fazem para lidar com as diferentes representações que são objetivadas por diferentes sujeitos em um esforço de elaborar um mundo estável. Considerando o momento, maio de 2018, em plena crise e instabilidade política e econômica, fica a reflexão sobre um fenômeno que ainda não podemos compreender, mas que certamente interfere nas RS dos nossos participantes, visto que no quadro das categorias a dimensão Dificuldades Encontradas é maior do que a dimensão Projeto de Vida. Então fica a interrogação: será possível articular Representações Sociais do trabalho mais esperançosas em uma crise deste porte?

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo L. C. A classe-que-vive-do-trabalho: a forma de ser da classe trabalhadora hoje. In: \_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2. ed., 10. reimp. rev. e ampl. São Paulo: Boitempo, 2009. p. 101-118.

ARENDT, Hannah. A condição humana. In: \_\_\_\_\_. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo; posfácio de Celso Lafer. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. p. 15-30.

ATHAYDE, Milton; SOUZA, Wladimir Ferreira de. Saúde do trabalhador. In: BENDASSOLLI, Pedro F.; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo. (Orgs.). **Dicionário de psicologia do trabalho e das organizações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. p. 597-605.

BACKES, Dirce Stein *et al.* Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O mundo da saúde**. São Paulo, v. 35, n. 4, p. 438-442, 2011. Disponível em: <[http://www.saocamilosp.br/pdf/mundo\\_saude/88/10\\_GrupoFocal.pdf](http://www.saocamilosp.br/pdf/mundo_saude/88/10_GrupoFocal.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2016.

BERNAL, Anastasio Ovejero. Significado do trabalho na sociedade contemporânea. In: \_\_\_\_\_. **Psicologia do trabalho em um mundo globalizado: como enfrentar o assédio psicológico e o estresse no trabalho**. Tradução de Juliana dos Santos Padilha. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 13-36.

BORGES, Lívia de Oliveira; YAMAMOTO, Oswaldo H. Mundo do trabalho: construção histórica e desafios contemporâneos. In: ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Antônio Virgílio Bitencourt. (Orgs.).

**Psicologia, organizações e trabalho no Brasil.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 25-72.

BRASIL, **Lei Nº8.213**, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os planos de benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Planalto [site], Brasília, DF, 24 jul. 1991. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8213cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8213cons.htm)> Acesso em: 09 maio 2018.

BRASIL, **Decreto Nº 3.048/99**, de 06 de maio de 1999. Aprova o regulamento da Previdência Social, e dá outras providências. Planalto [site], Brasília, DF, 06 maio 1999. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3048.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3048.htm)>. Acesso em: 09 maio 2018.

CODO, Warderley. Um diagnóstico do trabalho (em busca do prazer). In: TAMAYO, Alvaro; BORGES-ANDRADE, Jayro Eduardo; CODO Wanderley. (Orgs.). **Trabalho, organizações e cultura**. Coletâneas da ANPEPP. Vol.1, n.11, p. 36-55. set. 1996. Disponível em: < <http://www.anpepp.org.br/acervo/Colets/v01n11a05.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2018.

CRUZ, Roberto Moraes. Relações entre trabalho, saúde e adoecimento. In: \_\_\_\_\_. **Perícia psicológica no contexto do trabalho**. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2017. p. 29-40.

CRUZ, Roberto Moraes; MACIEL, Saily Karolin. Dano psicológico e trabalho. In: CRUZ, Roberto Moraes. **Perícia psicológica no contexto do trabalho**. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2017. p. 61-68.

COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise Rodrigues. **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 13-38.

DEJOURS, Christophe. Conclusões. In: \_\_\_\_\_. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. Tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5. ed. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992. p. 133-140.

GONÇALVES, Maria da Graça M.; BOCK, Ana Mercês B. Indivíduo-sociedade: uma relação importante na psicologia social. In: BOCK, Ana Mercês. (Org.). **A perspectiva sócio-histórica na formação em psicologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 41-99.

GUARESCHI, Pedrinho A. Psicologia social e Representações Sociais: avanços e novas articulações. In: VERONSE, Marília Veríssimo; GUARESCHI, Pedrinho A. (Orgs.). **Psicologia do cotidiano: Representações Sociais em ação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 17-40.

HELOANI, José Roberto. Novas formas de trabalho na contemporaneidade. In: BENDASSOLLI, Pedro F.; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo. (Orgs.). **Dicionário de psicologia do trabalho e das organizações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. p. 473-482.

MARKOVÁ, Ivana. Prefácio. In: \_\_\_\_\_. **Dialogicidade e Representações Sociais: as dinâmicas da mente**. Tradução de Hélio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 9-21.

MENDES, Ana Magnólia; MORRONE, Carla Faria. Vivências de prazer-sofrimento e saúde psíquica no trabalho: trajetória conceitual e empírica. In: MENDES, Ana Magnólia; BORGES, Livia de Oliveira; FERREIRA, Mário César. (Orgs.). **Trabalho em transição, saúde em risco**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 25-41.

MESQUITA, Maria dos Reis de Jesus; ALMEIDA, Ilda Neta Silva de. Feminismo: gênero, divisão sexual do trabalho e suas configurações na sociedade. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 4 n. 2, p. 175-186, ago. 2016. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/168>>. Acesso em: 15 out. 2016.

MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das Representações Sociais. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 29-109.

NARDI, Henrique Caetano. Gênero e trabalho. In: BENDASSOLLI, Pedro F.; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo. (Orgs.). **Dicionário de psicologia do trabalho e das organizações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. p. 357-362.

\_\_\_\_\_. Subjetividade e trabalho. In: BENDASSOLLI, Pedro F.; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo. (Orgs.). **Dicionário de psicologia do trabalho e das organizações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. p. 635-640.

OLIVEIRA, Fatima Oliveira; WERBA, Graziela. C. Representações Sociais. In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa *et al.* **Psicologia social contemporânea: livro-texto**. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. p. 104-117.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO- OIT. **Mulheres no trabalho: tendências 2016**. Genebra, 2016. 13 p. Disponível em: <[http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@dgreports/@dcomm/@publ/documents/publication/wcms\\_457096.pdf](http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@dgreports/@dcomm/@publ/documents/publication/wcms_457096.pdf)>. Acesso em: 23 abr. 2018.

PETERSEN, Áurea T. Discutindo o uso da categoria gênero e as teorias que respaldam estudos de gênero. In: STREY, Marlene Neves *et al.* (Orgs.). **Gênero por escrito: saúde, identidade e trabalho**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 15-39.

PINHEIRO, Luana Simões *et al.* **Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014**. Nota técnica. Brasília, DF: IPEA, n. 24, 28 p., mar. 2016. Disponível em: <[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6524/1/Nota\\_n24\\_Mulheres\\_trabalho.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6524/1/Nota_n24_Mulheres_trabalho.pdf)>. Acesso em: 29 jun. 2108.

PRÁ, Jussara Reis. Gênero e feminismo: uma leitura política. In: STREY, Marlene Neves *et al.* (Orgs.). **Construções e perspectivas em gênero**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2000. p. 143-155.

PRODANOV, Cristiano Cleber; FREITAS, Ernani Cesar de. Pesquisa científica. In: \_\_\_\_\_. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013. p. 42-118.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. A delimitação do campo de estudos da carreira. In: \_\_\_\_\_. **Carreiras: novo olhar socioconstrucionista para um mundo flexibilizado**. Curitiba: Juruá, 2014. p. 43-82.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0B1cHNDJbqFSpSWw2bIFLWEISOG16MmdwU05mNEFNUQ/edit?pli=1>>. Acesso em: 18 set. 2016.

SILVA, Katiellen Souza; FERREIRA, Maria da Luz Alves. Trabalho feminino ou masculino? Uma análise da inserção de mulheres em ocupações consideradas masculinas na cidade de montes claros/MG. **Alteridade**, MG: Montes Claros, v. 2, n. 1, p. 96-108, maio 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.unimontes.br/alteridade/article/view/90>>. Acesso em: 15 out. 2016.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 117-145.

STREY, Marlene Neves. Gênero. In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa *et al.* **Psicologia social contemporânea: livro-texto**. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. p. 181-198.

VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. Técnicas de Pesquisa. In: \_\_\_\_\_. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000. p. 61-78.

\_\_\_\_\_. Metodologias qualitativa e quantitativa. In: VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000. p. 33-44.

YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. Trabalho. In: BENDASSOLLI, Pedro F.; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo. (Orgs.). **Dicionário de psicologia do trabalho e das organizações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. p. 640-647.

ZANELLI, José Carlos. Estresse nas organizações de trabalho. In: BENDASSOLLI, Pedro F.; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo. (Orgs.). **Dicionário de psicologia do trabalho e das organizações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. p. 333-339.